



notas de lugar nenhum

charles h. caffin

tradução de patricia lino

notas de lugar nenhum*

charles h. caffin

tradução de Patrícia Lino

LUGAR NENHUM, claro, num sentido comparativo. Nem atlas, nem guia, nem horário ferroviário denunciam o seu paradeiro. São as costas de um porco entre baía e bacia, eriçadas ao longo da espinha como madeira, o flanco desgrenhado com espruce e abeto, disperso entre os amieiros; enquanto os lados incham gentilmente para debaixo da faixa mais espessa de terra que margeia as costas Norte e Sul. Mas, de novo, a terra só é mais espessa num sentido comparativo. Há muito tempo atrás, a montanha deve ter tremido e atirado as porções perdidas das suas rochas, que caíram pelas encostas, e passaram os séculos seguintes livrando-se dos excessos de vegetação apodrecida, até que os pedregulhos e as pedras fossem preenchidas e alisadas pela terra, e a sua aparência corpulenta tenha sido criada para a conseqüente decepção de dois exploradores crédulos.

Talvez tenha sido por causa de alguma coisa escocesa naqueles resistentes pioneiros, que quando desenharam o arado que se transformou em pedras — tão naturalmente como se fosse chão —, e o arado foi rejeitado, vezes sem conta, por um rochedo preso à terra, continuaram persistentemente agarrados ao trabalho árduo. E até hoje os seus descendentes cultivam a terra à luz das mesmas provocações para que se aflijam com mais serenidade. Para um percurso feliz, de quem há muito partilha a labuta com paciência, o poderoso boi ensinou-lhes esta firme filosofia.

Percurso esse feliz, também, ao longo das demandas mais leves. Não são ricos nem pobres, mas têm o suficiente para as necessidades da vida; e, ao mesmo

* Este texto foi publicado originalmente em 1903 sob o título *Notes from nowhere*, na revista *Camera Work*. Disponível em <tinyurl.com/notesfromnowhere>. É provável que o autor faça referência ao livro de William Morris, publicado em 1890, *News from nowhere*. O título traz uma ambigüidade intraduzível: pode-se ler “News from no/where” ou “News from now/here”; isto é, “Notícias do lugar nenhum” ou “Notícias do aqui agora”.

tempo, as luxúrias mais simples estão ao seu alcance. Quando tens uma vaca e um boi, que, respectivamente, ruminam e fertilizam em teu benefício, aves que preenchem os vazios das grelhas de produção com ovos; quando foste criado para pescar como para cultivar e o mar te bate à porta, e a armadilha para atracar as lagostas fica a poucas braças dali. Quando o trabalho de duas semanas faz do teu jardim rentável, com vegetais suficientes para o ano inteiro, e os frutos olham por si mesmos e a estrada e os pés das colinas são ricos em uvas; quando, além disso, um rendimento de cem dólares *per annum* permite que olhes o mundo olhos nos olhos, por que não ser sereno e feliz? Por que não crescer saudável, velho e robusto como estas pessoas o fazem? Passado o limite de sessenta ou setenta anos elas continuam alegres e ocupadas, levando cada dia de trabalho com mais firmeza; ainda que sem a energia dos homens mais jovens. Como um que acaba de deixar-nos, de boa saúde até à última semana do seu octogésimo segundo ano. Dizem-me: “ele comeu demasiado porco cozido e repolho e o seu coração e rins começaram a inchar até que tocaram um no outro e ele morreu.” Tal situação deverá ser desconhecida dos médicos, mas, ao mesmo tempo, os médicos foram desconhecidos dele toda a sua vida. Por isso, por que deveria ele preferir seguir o diagnóstico deles a ignorá-lo?

Similar desconsideração de precedentes foi demonstrada por um dos seus vizinhos, uma alegre viúva de setenta e seis verões que, cansada de uma vida a sós, casou, há sete anos, com um jovem pescador de dezanove. O contentamento dela só é excedido pelo dele. “Não há tolice na minha mulher velha como há nas jovens”; é a justificação dele; e quando se cansam um do outro ele sai para pescar e, mais tarde, voltar fresco para a sua velha. Devo confessar que tal arranjo não me soa apelativo, mas não houve, também, nenhuma intenção em agradar-me quando se casaram, e, no final das contas, comento este assunto como qualquer homem comum. Pudesse eu aspirar à condição de filósofo e comentaria a claridade do olhar desta velha senhora, a rudeza das maçãs das suas bochechas e a satisfação complacente que sustenta toda a sua estrutura, e concluir que, se não houvesse ela renovado a sua juventude, teria ao menos evitado o *ennui* da idade. Quanto ao jovem marido, bem, trata-se de um lento e mentecapto companheiro, a quem muitos problemas são poupados.

Bendito estado, o dos mentecaptos! Foi Stevenson, creio, quem disse que a excelência suprema de umas férias era obtida se permitisses à estrutura do teu pensamento atingir a condição de um repolho; absorvendo inconscientemente os nutrientes do ar e da luz do sol. É realmente complicado para nós, cidadãos, perceber tais verdadeiras férias — o vazio, numa só palavra — por iniciativa própria. Carregamos connosco a nossa exaustiva e pequenina doença da ocupação mental. Podemos, certamente, escapar do ridículo e viciante jornal da manhã, e não sermos tão impotentes como o meu amigo que preferia o Atlantic City ao Adirondacks, porque havia, no primeiro, mais com que ocupar a mente. Mas, ainda assim, devemos estar longe da graça; da graça de espontaneamente, e com zelo, não fazer nada.

De facto, um desses dias sem fazer nada no campo trará imediatamente à superfície o que tens de sanidade mental, moral e equilíbrio. E é precisamente porque há tão pouca sanidade e equilíbrio no carácter moderno que a maioria de nós não faz mais do que repetir no campo o *stress* da cidade. Porque a nossa ocupada e vazia atividade cerebral não merece outra designação; sem ela, deveríamos poder atingir, no mínimo, e de modo óbvio, uma melhor condição. Deste modo, exaustos pela perda de energia, procuramos o campo para descansar, esquecendo praticamente que o campo dar-nos-á apenas o que tivermos capacidade de receber. A menos que sintamos em nós mesmos a dignidade e a necessidade ocasional de um espírito calado, a calma do campo e a sua rotina plácida converter-se-ão rapidamente em aborrecimento. Se a nossa única ideia de vida é um contínuo roçar de ombros e inteligência com os nossos amigos da mesma espécie, como podemos encontrar companhia no vazio solitário da natureza?

Acredito que pode detectar-se tal afinidade com a natureza em muitas das — se bem feitas — pinturas paisagísticas. Dão-nos uma visão do campo ou do mar, mas limitam a nossa imaginação à cena real, sem qualquer sugestão de o campo ou o mar serem parte do grande esquema da natureza. Uma pintura de Troyon pode, no entanto, conduzir os olhos até não mais longe do que o fim de um prado, e ser o prado, ainda assim, trabalhado com tal amplitude e saliência, com um céu tão dinâmico e abrangente, que a nossa imaginação pode sentir a porção de pasto como um pequeno espaço de vastidão e fecundidade. Há equivalente mérito no caso da fotografia paisagística. Posso recordar a cópia de um lago na floresta à

luz do crepúsculo, no qual a nossa visão era limitada pelas árvores, e, contudo, havia a sensação do vasto silêncio da natureza que inquietava aquele pequeno espaço. Algumas fotografias, por outro lado, mostrarão uma perspectiva geral da paisagem, mas sem qualquer sentido de vastidão. Os nossos olhos viajam até ao fim e param. A imaginação não foi posta em prática. Nem a câmara nem o olho humano estão primariamente conectados com a imaginação. Registam um apanhado objetivo e o dono tem de fazer o resto. O que fará o dono corresponderá à sua capacidade de perder-se na imensidão da natureza.

A natureza, de facto, estava em alta no 4 de Julho, e por isso vivemos o mesmo “Yellow Day” que os jornais, já ultrapassados, diziam ter acontecido em Nova Iorque a mil quilómetros dali e em linha reta. Às três o nosso canário dispôs-se no poleiro e eu tive que acender a luz, que, em comparação ao tenebroso brilho lá de fora, luzia fria e férrea, como uma pequena lâmpada. As folhas e o florescer das macieiras no jardim eram virulentamente verdes e brancas — arsénio e sulfato de zinco —, maligno. A distância encurtou e o primeiro plano da costa e da folhagem esfumaram-se como numa paisagem de Düsseldorf ou da Academia Nacional de, digamos, vinte e cinco anos atrás— só para não ser imediatamente pessoal. Um aspecto amarelo em vez de branco, oposto à tonalidade delicada dos sombreados; uma lição como aquela que me foi proposta na minha juventude: “O que há de errado com a seguinte sentença?”

Um detalhe particular na floresta, um objeto bastante familiar era reconhecível na costa, mas não de modo familiar. Não havia sido colocado na paisagem certa. Não podia dizer-se se estava perto ou longe do olhar; as suas formas e cores confundiam-se e rebelavam-se contra o céu, destemperado pela atmosfera, toda a sua vivacidade obstruída por um esmalte de tom amarelado. Não era possível confundir a cena e, ainda assim, parecia inteiramente artificial; como uma pintura ou fotografia infeliz. Um exemplo maior da insuficiência deste mero desfoque, instrumento comum entre a maioria dos fotógrafos para produzir um efeito de ilusão ou uma realidade atmosférica.

Não que a realidade atmosférica exista sem as suas ilusões. Quando as névoas do oceano rolam para dentro do nosso vale passando pela sua entrada estreita, e se dobram camada a camada sobre as colinas, e se arrastam por entre as águas ao dilatar-se ou ao dispersar-se, estamos perante um espetáculo

fantasmagórico, no qual uma cena se dissolve noutra e a distância diminui ou aumenta alternadamente. Um fenómeno estranho é aquele que acontece quando a névoa apaga tudo à exceção do entorno da nossa casa. O estábulo fica atrás, sobre uma encosta de pasto, e assim que o nevoeiro se aproxima e elimina, atrás, a vista da montanha inteira, a simplória construção parece erguer-se à beira do mundo. O nosso pequeno refúgio é uma ilha num oceano vasto de céu impenetrável. Ao escalar uma montanha é frequente ficar-se, desta maneira, isolado. Mas aqui estamos nós, fechados, naquela que, por ora, é a nossa casa; com os nossos gostos, pertences e os nossos próprios egos. Um átomo de compacidade e certeza num mundo de imaginações vagas.

As névoas passeiam devagar ao rumo do vento, o mundo acerta os seus elementos à nossa volta. Mas a família, se reconhece o seu melhor, irá permanecer uma ilha de ilusões domésticas.



Edições Chão da Feira
Caderno de Leituras n.50 – Série Rama
Setembro de 2016

chaodafeira.com

Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.
Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio UNA.